

## DEBATE

**Maria Helena Mira Mateus**

Agradeço muito estas duas contribuições do Dr. João Barrento e da Dra. Fátima Biscaia. As apresentações feitas distinguem-se e completam-se. Quando estava a ouvir a Dra. Fátima lembrei mais uma vez a importância da realização de vocabulários científicos e técnicos. Inclusivamente nos últimos tempos foi criado um Centro Português de Terminologia que mostra o relevo atribuído à elaboração destes instrumentos para o progresso, em todos os aspectos, da nossa vida científica, cultural e técnica.

**Eugénia Figueiredo**

O nosso colega falou da tradução técnica e da tradução literária, comparou e disse que os textos científicos não eram ambíguos. Discordo, porque a tradução do texto científico, em particular de textos filosóficos, põe muitos problemas e até os discursos de certos políticos também levantam problemas. Daí as queixas de alguns.

Penso que uma dicotomia muito acentuada entre os textos literários e os textos não literários não tem fundamento porque os dois requerem uma interpretação fiel e os dois têm ambiguidades, porque a linguagem é ambígua. Depois, falou da fidelidade à tradução, e eu pergunto se não seria antes a fidelidade à leitura que faz do texto visto que falou muito dos textos poéticos e literários, onde realmente a ambiguidade é muito grande. Não se pode dizer que haja um único sentido. Há vários sentidos. Portanto, terá de escolher um sentido, uma leitura, e ser fiel a essa leitura ao dar uma interpretação desse poema. Não se trata tanto de ser fiel a um texto mas fiel a uma leitura, propôr uma leitura do texto.

**João Barrento**

A fidelidade do ponto de vista de quem traduz um texto tem que se entender necessariamente do mesmo modo que se entende - a noção não aparece aí normalmente mas podia aparecer - a noção da fidelidade de quem lê esse texto. Há sempre uma leitura, e leitura, tanto pode ser aqui o acto, digamos, de deglutição do texto sem querer interpretá-lo, sem fazer muito mais do que isso, e pode ser leitura já no sentido de interpretação. Isso é inevitável, pelas minhas idiosincrasias subjectivas, pelas minhas ideologias e pelos meus fantasmas é sempre feita desse modo, e por isso o texto é ambiguo, é aberto. A tradução não foge também a essa regra. A tradução, aliás, aparece muitas vezes associada à interpretação nos próprios institutos de tradução e interpretação, o tradutor é sempre um interpretante do texto como o leitor não pode deixar de ser. Claro, aí, a minha leitura não é única nem pode ser, do ponto de vista da minha tradução, ou como ponto de partida para a minha tradução, como nenhuma leitura, digamos, pode assumir-se como leitura que resolve o texto, porque resolver o texto é liquidá-lo. A primeira questão é esta portanto: a ambiguidade e a distinção entre textos científicos e textos literários. Claro, que aqui começaram a aparecer zonas limite, zonas de fronteira no caso de uma tipologia dos textos. Eu estava a pensar, no sentido da primeira intervenção, em que também se falou em tipo de textos, em que o que predomina é a ambiguidade que se tenta eliminar.

Os textos filosóficos ou as intervenções políticas, é evidente que eu aí já os situo muitas vezes no campo do texto literário. Realmente, as gradações começam a ser tais que é quase impossível nós encontrarmos teorias que sirvam a todos os tipos de texto, sobretudo nessas zonas limite. Dentro dos textos filosóficos há textos altamente técnicos, quer dizer, eu leio depois de ter um domínio, (ou um glossário à mão) da terminologia Kantiana ou Hegeliana, ou dum filósofo como Russel e então eu não tenho grande dificuldade em resolver as ambiguidades, porque o texto filosófico aí funciona essencialmente no plano de uma terminologia própria de conceitos e de jogos de conceitos que se eu dominar quer a matéria quer a terminologia não tenho grandes dificuldades em resolver. Mas, se eu me ponho a traduzir filósofos como Heidegger ou

Nietzsche, ou filósofos literários que escrevem textos filosóficos com uma grande carga literária, aí os problemas são os da tradução literária, e os textos de intervenção política a mesma coisa. Estou-me a lembrar dum exemplo que o Prado Coelho dava há tempos numa crónica do Expresso e que tem interesse para a minha afirmação de que a tradução conseguida não deve soar a tradução. Ele dizia, por exemplo: "há textos na nossa própria língua que não são textos traduzidos, [embora sejam todos eles textos traduzidos, também os nossos discursos na nossa própria língua] que soam a tradução". Prado Coelho dizia que os discursos ou as intervenções do professor Adriano Moreira parecem todas directamente traduzidas do alemão. Aqui, a minha posição era contrária. O texto não deve soar a tradução.

### Martine Carvalho

Fiquei satisfeita quando vi no programa do Encontro de Linguística a "tradução", porque aqui em Portugal raramente a tradução é debatida. Um problema geral e actual são as muitas traduções que se fazem no âmbito da C.E.E. Queria focar mais justamente também essa dicotomia tradução científica / técnica e literária.

Acho que há uma base comum que é a língua.

Portanto, aquilo em que sobretudo o tradutor se deve preparar antes de fazer essa separação é realmente no plano da língua. O que é a tradução? O que é traduzir? O que é que se traduz? Quem traduz? Portanto, talvez pensar numa certa tradutologia. Era bom que num destes encontros se tratasse realmente do problema da tradução, ponto por ponto, porque o tema da tradução é vastíssimo. Há uma teoria que em primeiro lugar é preciso definir e que ainda não está definida, nem em Portugal nem em parte nenhuma.

O problema actual é o do ensino da tradução, mesmo no plano universitário, onde acho que uma base da teoria da tradução se torna, no momento, essencial para que as pessoas comecem a despertar e a saber o que é que vão fazer quando vão traduzir. A maior parte das vezes, as pessoas não deviam ser consideradas tradutores.

**João Barrento**

A questão da importância relativa dos problemas de tradução, e da actividade tradução, hoje e aqui, é um facto em relação há meia dúzia de anos, verifica-se não só por termos entrado para a C.E.E. e por chegarem essas avalanches de textos para traduzir, mas também noutros sectores. No plano editorial verifica-se, hoje, que há uma procura muito maior de tradutores, sobretudo de línguas de que há uns anos atrás não havia tanta gente a traduzir, e de que não se traduzia tanto porque se traduzia por interposta língua - o caso do alemão, traduzia-se do francês ou do inglês ou do espanhol. Hoje traduz-se muito directamente do alemão e os tradutores já não chegam para a procura. Outro ponto, a tradutologia, uma ciência da tradução, é um conceito ainda não muito aceite em todo o lado. Os alemães formaram logo esse termo que é a ciência da tradução e, aliás, têm uma escola própria com muitas publicações e uma actividade intensa. Mas há também neste campo da tradutologia, ou ciência da tradução, escolas americanas que derivam da linguística, e francesas, mais ou menos constituídas. E há mais. Há, inclusivamente a nível europeu, centros, que eu saiba dois ou três, colégios de tradutores e de tradução que ainda não são muito conhecidos mas que provavelmente passarão a ser.

Há um centro que fez já dois grandes encontros no sul de França, há um outro no norte da Alemanha, que são lugares realmente em que os problemas de tradução estão constantemente em debate e estão sempre no âmbito de actividade prática das pessoas; e há previstas realizações no plano universitário aqui, agora, em Portugal, no sentido de criar cursos de tradução, de ciência da tradução como se virá a chamar pelo menos a nível de pós-graduação.

**Fátima Biscaia**

Em relação a esta última intervenção, gostaria de dizer que também não penso que haja uma dicotomia entre a tradução literária e a tradução científica, porque a questão fundamental é a da

fidelidade entre um texto de origem e um texto objecto. Os problemas em causa é que podem ser diferentes e as estratégias diferentes. Aliás, no domínio científico verifica-se cada vez mais que a criação científica está muito próxima da criação artística. E pensa-se já que possa existir um novo perfil do crítico científico muito semelhante ao do crítico literário. Isto é uma corrente muito moderna mas muito importante actualmente, e parece-me importante citá-la aqui.

Teria uma observação a fazer àquilo que foi referido. Em relação a traduções literárias parece-me que não é só esta área que está aqui abrangida por esse problema, que é o problema do conhecimento do campo cultural, porque de facto, quando nós estamos a traduzir realidades que nos são culturalmente alheias, muitas vezes não será possível encontrar um termo exacto que traduza, de uma maneira analógica, uma certa realidade ou um certo conceito. E nesse caso põe-se o problema: como traduzir? Será possível dentro de uma mesma área cultural. Mas quando se ultrapassa esse limite civilizacional, será necessário reconduzir a tradução, talvez, a uma série de notas de rodapé, onde só através de uma "tradução" descritiva, digamos, se consegue a fidelidade, não só à leitura do texto, mas também à transposição desse mesmo significado, e isto tudo parece-me que se liga com uma certa dignificação da tarefa de tradução. É indispensável que o tradutor seja uma pessoa preparada para exercer a sua profissão.

Aqui entra mais o aspecto de conhecimentos pluridisciplinares que não abrange apenas a língua, um domínio perfeito das duas línguas que entram em causa na tradução, mas também o domínio da área temática do texto que está a ser traduzido. De facto, muitas vezes a pessoa que traduz tem que recorrer tecnicamente à pessoa que domina a área em causa, mas isso nem sempre é suficiente, e nem sempre permite que o texto traduzido resultante cumpra todas as exigências que nós gostaríamos que ele pudesse cumprir.

**Maria Helena Mira Mateus**

Julgo que foram discutidos vários aspectos importantes e complementares. Eu queria só lembrar um outro aspecto, que me parece mais simples: o trabalho dos tradutores de textos escritos sobre temas muito concretos, por exemplo, aqueles que são produzidos hoje em instituições plurilingues. Portugal está muito mal apetrechado em termos de tradutores humanos para conseguir levar a cabo esse trabalho. Daí, também, o interesse de ordem pragmática que agora está a surgir por estas questões. Mas esse interesse tem de ser acompanhado por um desenvolvimento de base teórica. Em muitas coisas que disse o prof. João Barrento me pareceu sentir, realmente, o fascínio de uma teoria da tradução que pode ser desenvolvida nos cursos universitários que agora são anunciados.

Por outro lado, é necessário que surjam trabalhos de realização de glossários em todos os campos. Na assembleia geral da Associação Portuguesa de Linguística foi dado a conhecer um projecto de elaboração de um glossário de termos linguísticos, em continuação do que se começou no ano passado e que foi apresentado no Encontro de 1986.

A elaboração de glossários como este, de vocabulários científicos, a tradução de Thesauri e a sua informatização vai criar instrumentos indispensáveis à manutenção da língua portuguesa viva em todos os campos. Numa instituição multilingue como a C.E.E., a preocupação com o trabalho de tradução não seria tão grande se não houvesse a convicção de que a presença de todas as línguas faladas pelos povos que a compõem é a garantia da presença viva da cultura desses povos.